



## **RESPOSTAS CLÍNICAS E RESPOSTAS EPIDEMIOLÓGICAS A SURTO DE DOENÇAS INFECCIOSAS EM ZOOLOGICOS**

SILVA, Fabio Henrique Ladislau da. Acadêmico de Medicina Veterinária, 4º período, Universidade Católica de Brasília (UCB).

### **Resumo:**

O manejo eficaz de surtos infecciosos em zoológicos requer integração entre vigilância clínica, protocolos de biossegurança e monitoramento epidemiológico. Este estudo analisa as estratégias utilizadas por zoológicos brasileiros para conter surtos infectocontagiosos, com ênfase no papel fundamental do Médico Veterinário na vigilância, diagnóstico e manejo clínico e controle epidemiológico.

### **Palavras-chave:**

Biossegurança. Doenças infecciosas. Medicina Veterinária. Saúde pública. Zoológico.

### **Introdução:**

Zoológicos enfrentam riscos constantes de surtos infecciosos devido à diversidade de espécies, ao fluxo de visitantes e ao contato com a fauna nativa. Esses surtos representam ameaças à saúde animal, humana e aos esforços de conservação. A Medicina Veterinária desempenha um papel crítico nesse contexto, liderando a identificação precoce, o manejo clínico e a contenção epidemiológica. O Médico Veterinário atua como coordenador das ações de vigilância ativa, análise laboratorial e execução de protocolos de biossegurança, sendo o elo entre a saúde animal e a saúde pública em ambientes controlados.

### **Objetivos:**

Verificar as respostas clínicas e as medidas de monitoramento epidemiológico adotadas por zoológicos brasileiros diante de surtos de doenças infecciosas, com destaque para o papel do Médico Veterinário e a importância da implementação de protocolos padronizados de contenção do problema sanitário.

### **Metodologia:**



Este estudo foi realizado por meio de uma revisão narrativa da literatura e de documentos disponíveis nas bases PubMed, SciELO e Google Scholar, com os descritores: “zoo outbreaks”, “infectious disease wildlife”, “veterinary response”, “biosecurity in zoos”. Foram incluídos artigos publicados entre 2010 e 2024, cuja coleta de dados ocorreu entre março e abril de 2025, além de protocolos oficiais da World Association of Zoos and Aquariums (WAZA), Association of Zoos and Aquariums (AZA), Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e relatórios técnicos de zoológicos nacionais. Também foram analisados estudos de caso de surtos de salmonelose e tuberculose aviária.

## Resultados e Discussão:

A literatura enfatiza que a atuação proativa dos Médicos Veterinários é determinante na contenção de surtos em zoológicos. A identificação precoce de sinais clínicos, o isolamento imediato de indivíduos suspeitos e a rápida adoção de medidas sanitárias são etapas lideradas por esses profissionais (AZA, 2020; WAZA, 2019). A realização de testes sorológicos periódicos, a quarentena rigorosa para novos animais e a capacitação contínua das equipes são estratégias sistematicamente coordenadas pela equipe veterinária (MAPA, 2021; SILVA; MOURA, 2022).

Um exemplo marcante foi o surto de *Mycobacterium spp.* em primatas no sudeste do Pará, em 2015. Os Médicos Veterinários desempenharam papel central na contenção do evento, desde a coleta e envio de amostras para diagnóstico laboratorial, contenção de animais, isolamento dos primatas e controle ambiental, até a mediação com órgãos de saúde pública e o treinamento da equipe técnica para prevenção de zoonoses esse episódio destacou como a atuação integrada do veterinário permite respostas sanitárias eficientes e colaborativas (VIANA et al., 2015).

O estudo realizado no zoológico de Santarém identificou a presença de micobactérias na microbiota de primatas não humanos, reforçando a importância da vigilância constante em ambientes de cativeiro. Foram analisadas 50 amostras, sendo 25 de secreção nasal e 25 de secreção orofaríngea de quatro espécies de primatas. Das amostras orofaríngeas, 20% (5) foram positivas para *Mycobacterium*, isolando-se *M. brumae* (4%), *M. peregrinum* (12%) e *M. porcinum* (4%). Nas amostras nasais, a taxa de positividade foi de 24%, com isolamento de *M. fortuitum* (4%) e *M. peregrinum* (20%). As espécies isoladas estão associadas a infecções oportunistas em humanos, destacando um risco sanitário não só para os animais, mas também para os profissionais que atuam no manejo, além dos visitantes (VIANA et al., 2015).

Esse cenário ressalta que, mesmo na ausência de sinais clínicos aparentes, os animais podem atuar como portadores de agentes patogênicos, representando uma ameaça à saúde coletiva. Assim, a vigilância microbiológica se mostra indispensável, aliada à adoção de protocolos rigorosos de biossegurança, incluindo o monitoramento periódico, a identificação molecular de patógenos e a capacitação contínua das equipes técnicas (SILVA; MOURA, 2022; MAPA, 2021).

Além da resposta imediata aos surtos, os Veterinários também atuam na prevenção. Isso inclui a formulação de planos de contingência, inspeções sanitárias rotineiras e o diálogo constante com órgãos reguladores. A comunicação com o público e o engajamento institucional, promovidos frequentemente por Médicos Veterinários

com experiência em educação ambiental, também são estratégias eficazes de gestão de crises.

### **Conclusão:**

Diante dos desafios impostos pelos surtos infecciosos em zoológicos, este estudo reforça a importância da atuação técnica e estratégica do Médico Veterinário como agente central na manutenção da saúde animal, na mitigação de riscos sanitários e na proteção da saúde pública. A análise dos protocolos e dos casos revisados demonstra que a vigilância ativa, aliada à aplicação rigorosa de medidas de biossegurança, é decisiva para conter rapidamente agentes patogênicos e prevenir sua disseminação. Episódios como o surto de *Mycobacterium spp.* em primatas evidenciam que respostas eficazes dependem de planejamento prévio, capacidade de diagnóstico preciso e articulação entre diferentes setores. Portanto, investir na qualificação contínua dos profissionais, no fortalecimento dos protocolos sanitários e na integração com as autoridades de saúde é essencial para garantir a sustentabilidade dos programas de conservação, o bem-estar de animais sob cuidados humanos e a proteção da saúde pública.

### **Referências:**

- ASSOCIATION OF ZOOS AND AQUARIUMS (AZA). Infectious disease management in zoos. Silver Spring, 2020.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA (MAPA). Manual de biossegurança em zoológicos. Brasília: MAPA, 2021.
- SILVA, J. R.; MOURA, T. C. Surtos infecciosos em cativeiro: abordagem epidemiológica. *Revista de Medicina Veterinária*, v. 39, n. 2, p. 120-128, 2022.
- SOUZA, L. C.; FERREIRA, M. G. Controle de salmonelose em ambientes zoológicos. *Ciência Animal Brasileira*, v. 23, n. 1, p. 77-85, 2023.
- VIANA, L. C. et al. Ocorrência de micobactérias não tuberculosas (MNT) em primatas não humanos em Santarém, Pará. Brasília: Atena Editora, 2015. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/ocorrencia-de-micobacterias-nao-tuberculosas-mnt-em-primatas-nao-humanos-em-santarem-para>. Acesso em: 02 Abril 2025.
- WORLD ASSOCIATION OF ZOOS AND AQUARIUMS (WAZA). Guidelines for disease prevention and control. Gland: WAZA, 2019.